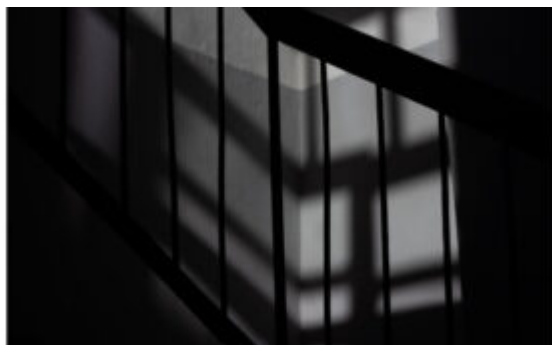


Rita Von Huntz



Por JULIAN RODRIGUES*

Guilherme Terreri acerta ao apontar limitações da candidatura petista, mas erra ao sinalizar que não votará em Lula

Meu primeiro contato com essa figura estupenda – uma *drag queen* marxista! – foi ao assistir aquele vídeo no qual Dona Rita explica em cinco minutos, sim, apenas cinco minutinhos – e com fino humor – o conceito de consciência de classe. Ali fomos apresentados à singela boneca Roxellicksen, que apesar de custar apenas R\$ 1,99, acredita ser uma Barbie. Tal vídeo tem um milhão oitenta e um mil seiscentas e trinta e duas visualizações (<https://www.youtube.com/watch?v=lmT7H09jR18&t=38s>). É genial, simplesmente.

Humor e ironia, mais marxismo, cultura LGBT, arte, aulas densas e acessíveis. Didatismo com rigor teórico. Abordando uma plêiade de assuntos complexos, Guilherme traz sempre um mix de diversão, teoria, conhecimento, política, cultura.

Com talento incomum e repertório amplíssimo, a professora *drag queen* faz crítica cultural, fala de literatura, política, dá destaque ao feminismo – em uma perspectiva claramente de esquerda. Guilherme Terreri é graduado em artes cênicas pela UniRio e em letras pela USP. Intelectual jovem e rigoroso, baita educador e artista. Seu sucesso no *youtube* lhe abriu várias portas – inclusive na grande mídia. A personagem Rita virou estrela de programas televisivos (*Drag Me as a Queen*, *Academia de Drags*).

A mim me admira como Terreri maneja sua *persona* artística, a vocação educadora e a militância política. Não abre mão de falar para muita gente, recusando guetos – o que alguns chamam de raquear o sistema. Rita/Guilherme tem alcançado um delicado equilíbrio: militância socialista, integridade artístico-teórica e inserção na mídia.

Terreri, moço lindo e carismático, que ainda não completou 30 aninhos já ocupa lugar importante em nosso cenário político-cultural. Tem contribuído – criativa e consistentemente – para a formação de ativistas de esquerda, principalmente jovens, mulheres, LGBTI.

Registrando minha identificação e admiração – não posso deixar de dialogar abertamente com Guilherme/Rita. Penso que ele errou ao avaliar o cenário eleitoral e dizer que não votará em Lula.

Sou militante e dirigente do PT. Compartilho com Guilherme/Rita as críticas aos limites da candidatura e do programa que vem se desenhando na campanha Lula-2022. É urgente um governo de esquerda. Com plataforma democrático-popular – comprometido com reformas profundas (reforma agrária, reforma urbana, dos meios de comunicação, reforma política, reforma do Estado, investimento público para gerar emprego).

Não bastará tão somente desfazer as maldades do neofascismo e do neoliberalismo. Não será suficiente vencer Bolsonaro nas urnas – o que também não vai ser fácil. Um novo governo Lula tem de reconstruir sim – mas também transformar radicalmente o país. Avançar na direção de transformações estruturais – apontar para o país um horizonte novo.

Assim como Rita/Guilherme, também sou crítico à aliança do PT com Geraldo Alckmin e aos acenos que Lula faz às classes dominantes (supostamente democráticas). Uns tais setores do andar de cima que não sabemos direito nem quais são e muito menos se aceitarão de fato um governo progressista.

Por outro lado, não dá ignorar o tamanho do desafio. Derrotar o neofascismo é urgência, máxima prioridade, uma batalha duríssima. O melhor caminho para fazer avançar mais o programa passa por disputar por dentro dos partidos e da campanha. Ou seja, incidir interna e publicamente nos rumos dessa caminhada, mas sempre a partir de uma adesão

a terra é redonda

orgânica: Lula-2022.

A movimentação pró-Lula tem tudo para se transformar em uma onda gigante, massiva. Um amplo movimento civilizatório, democrático, diverso, popular, nacionalmente enraizado – campanha política e cultural, capaz de convencer, seduzir e movimentar milhões Brasil afora.

Praticamente todos setores progressistas da sociedade brasileira (partidária e social) estão desde já engajados na campanha Lula-Presidente – exceto, ao que parece, PCB e PSTU. O PSTU lançará a candidatura presidencial de Vera Lúcia (que teve parcos 55 mil votos em 2018 e não se elegeria nem deputada federal). O PCB apresenta como candidata Sofia Manzano (quem?).

Com todo respeito a ambas companheiras, é triste pensar no papel que estão a desempenhar e na votação ridícula que alcançarão. Tenho sinceras dificuldades em compreender o sentido dessa tática supostamente de autoconstrução – que de fato nada constrói, só isola e estigmatiza PSTU e PCB.

Voltando. O sábio Tio Ben ensinou ao jovem Peter Parker, futuro Homem Aranha: “grandes poderes trazem grandes responsabilidades”. Guilherme/Rita é gigante. Tem poder e muita responsabilidade. O alcance imenso de sua voz não combina, portanto, com flertes a setores sectários – ou com acenos simpáticos para vanguardinhas auto-proclamatórias.

Gui Terreri: nunca te vi, sempre te amei. Sou teu fã e continuarei sendo. Vamos conversar sobre estratégia/tática/programa/partido, luta social e luta partidária, limites da democracia burguesa, 2022, o que fazer nos próximos anos, a urgência de eleger Lula?. Como melhor fazer os tensionamentos à esquerda – e sobre literatura, vida e arte?

O destaque que o PIG – Partido da Imprensa Golpista – deu à posição “anti-Lula” da Rita/Guilherme é gritante evidência tanto do tamanho do erro quanto da dimensão da Rita. Dessa vez nossa diva, nosso intelectual orgânico não acertou.

Queremos mais, merecemos mais. Guilherme tem toda razão. Avançaremos muito pouco se o governo Lula for manietado, se tiver horizontes rebaixados, se não mobilizar os movimentos sociais para enfrentar os neoliberais e neofascistas.

Qual o melhor caminho para fortalecer a estratégia, a tática e o programa socialista no Brasil? Como edificar um polo de esquerda, revolucionário com estrutura, militância e inserção nas massas? Quais as alianças, qual o programa, qual a melhor tática? Como derrotar o neofascismo, articulando luta social e luta institucional? É um baita debate, Guilherme. Votar no PCB não ajuda em nada, cá entre nós.

Modestamente, proponho à Guilherme Terreri, certo pragmatismo, pensando mesmo em autodefesa. Como gays militantes de esquerda somos alvos prioritários das hordas bolsonaristas. Vamos nos jogar na campanha Lula, disputar “por dentro”? E injetar mais marxismo, mais feminismo, mais cultura, mais direitos humanos, mais diversidade sexual, mais, mais, mais.

..

Bora lular logo Dona Rita. Beijos com admiração.

***Julian Rodrigues** é professor e jornalista. Ativista LGBTI e de Direitos Humanos; foi coordenador de políticas LGBT da prefeitura de São Paulo (governo Haddad).